

Queria só tentar completar.  
O SR. WEDSON CÂNDIDO DE MATOS - Positivo. Eu desculpo.

O SR. WILLIAM DE OLIVEIRA - O Flamengo está ouvindo com todo respeito. Queria só colocar em relação aos fatos pelo menos na ótica do Flamengo para que a gente possa esclarecer à Casa com a sequência dos fatos.

Então, nós nos reunimos com os três órgãos, os três poderes: da Defensoria, do Ministério Público e do Ministério Público do Trabalho. Nós não conseguimos, ao final das rodadas, chegar a uma conclusão. Então, o Flamengo procurou o Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro através do desembargador Cury e pediu abertura de uma mediação. Essa mediação veio com o nome da família de todas as vítimas. O próprio Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro fez os contatos com as famílias ou advogados - para aqueles que já tinham advogados constituídos - para que fosse possível fazer rodadas de negociação. Dentro daquelas rodadas, dentro do Tribunal de Justiça, na mediação do Tribunal de Justiça, nós conseguimos fazer o acordo com o pai de um dos meninos. Mas aquilo também deu frutos para relações com outros advogados que nós também conseguimos fazer acordos. Fizemos mais três acordos. Os advogados e as famílias sempre que a gente tinha reuniões sobre esse acordo, o Flamengo fazia todo o custeio deles se deslocarem até o Rio de Janeiro para que a gente pudesse encaminhar os acordos. E nós conseguimos fazer. Com outras famílias, outros advogados, a gente não conseguiu fazer. E aí com todo respeito também - coloco isso, porque eu acho que as pretensões são diferentes, as colocações são diferentes - a gente tem que respeitar e saber que nem em todo momento a gente vai conseguir chegar a um consenso.

Se a dra. Paula me permite dizer, eu estive com a dra. Paula uma vez. Estive no escritório dela. A gente tentou formalizar um acordo. A gente não conseguiu. Mas a gente sempre teve esse canal aberto. Muitas vezes a dra. Paula tinha alguns pleitos. Conversava comigo. Eu encaminhava ao Flamengo. Então, nós... E de maneira nenhuma aqui também me desculpe em relação aos advogados se essa impressão em relação ao Flamengo de que a gente está colocando os advogados como entrave. Também quero pedir desculpas. Acho que o Flamengo não enxerga dessa forma até por que a gente conseguiu fazer através dos advogados alguns acordos. Acho que a gente está, vamos dizer assim, dentro da medida do possível, tentando se aproximar desses acordos. Como eu disse aqui: não tem como precificar isso, mas naquilo que a gente puder atingir, atender - o Flamengo tem poderes constituídos - a gente sempre leva as propostas como elas chegam até nós. A gente procura desenvolver isso.

Mas o Flamengo vai estar, de novo aqui, sempre aberto para poder cooperar. Vai estar sempre aberto para atender às reivindicações da Casa, os requerimentos da Casa, com todo respeito. De novo: o Flamengo, aqui - isso eu vou falar para todos os pais na sua pessoa - pede desculpas. A gente sabe que amanhã - peço também desculpa pela emoção -, mas um dia triste para todos nós, mas para vocês é uma coisa que não tem como mensurar. Então, eu queria pedir realmente, de coração, desculpas a todas as famílias. Dizer que o Flamengo está aberto para acolhê-los, para ouvir as reivindicações. Não sei se o dr. Antonio tem alguma coisa para acrescentar, mas o Flamengo vai estar sempre aberto para colocar as posições aqui.

Em relação ao Ninho, que o deputado Felipe colocou, nós fizemos um TAC com o Ministério Público Estadual dentro do processo já existente dentro do Ministério Público Estadual, O Ninho, logo após o incidente, foi fechado. Uma série de coisas precisava ser atendida. Nós conseguimos atender à questão da licença, do alvará. E o Ministério Público fez um TAC conosco com quase sessenta pontos. Esses pontos, durante este ano foram todos atendidos: a questão dos monitores necessários, a presença de remédios, equipamentos médicos, cursos. Tudo aquilo que o Ministério Público identificou que poderia ser melhorado nós atendemos. Esse TAC foi formalizado ano passado. Agora, ele está completando - acho que, salvo engano - oito meses, sete meses de TAC assinado com todos os pontos preenchidos e atendidos pelo...

O SR. JORGE FELIPE NETO - Só um questionamento que eu não consegui entender muito bem. O Ministério Público deu licença que os bombeiros deveriam emitir para vocês. É isso via TAC?

O SR. WILLIAM DE OLIVEIRA - Não, não, não. O Ministério Público, não. Nós temos dois TACs. Nós temos um TAC...

O SR. JORGE FELIPE NETO - Vocês continuam sem a licença dos bombeiros, a definitiva?

O SR. WILLIAM DE OLIVEIRA - Nós temos a licença dos bombeiros, porque nós estamos atendendo a um TAC com os bombeiros. E nós temos um TAC com o Ministério Público, que foi celebrado na Vara de Infância e Juventude perante o juiz homologado pelo juiz da Vara de Infância e Juventude que atende aos pontos que não são relativos a esse dos bombeiros, mas em relação a todos os outros pontos que o Ninho tem que preencher para poder acolher as crianças.

O SR. JORGE FELIPE NETO - Mas de quem saiu esse TAC: veio da Defensoria que intermediou vocês e o Bombeiro?

O SR. WILLIAM DE OLIVEIRA - Não, não. Esse TAC foi feito... O TAC que estou dizendo em relação ao Ministério Público em relação ao Ninho, que estava fechado para liberação, ele foi feito com o Ministério Público Estadual e Flamengo, e homologado pelo juiz da Vara de Infância e Juventude.

O SR. RODRIGO AMORIM - Deputado Jorge Felipe, esse TAC foi uma iniciativa da Defensoria Pública, salvo engano, intermediando a relação junto ao Ministério Público conduzido pela Vara da Infância. E ali verificaram vários pontos que precisavam evoluir - não diria nem melhorar, porque tinha coisa que não tinha. Melhorar o que não existe -, mas ali não tinha monitor; uma série de coisas.

Agora, especificamente no que diz respeito à licença do Corpo de Bombeiros o Ministério Público não tem competência para agir nesse sentido, tampouco o Judiciário.

O SR. JORGE FELIPE NETO - Nem via TAC, até por que isso é...

(Falas paralelas)

O SR. RODRIGO AMORIM - Não existe TAC com o Corpo de Bombeiros. Então, o meu questionamento é nesse sentido: especificamente o que diz respeito à licença, o licenciamento o que o TAC tem... Qual é a relação entre o TAC e o licenciamento?

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Só antes de continuar parece que existe, de fato, uma portaria que regulamenta o TAC via Ministério Público junto ao Corpo de Bombeiros. Aí o senhor vai poder falar.

Mas antes disso, fiquei curioso com relação às famílias, voltando às famílias, o doutor disse que o senhor, o Flamengo, fechou acordo com três famílias.

O SR. WILLIAM DE OLIVEIRA - Três famílias e meia que a gente diz, porque um dos pais... Era um casal...

O SR. RODRIGO AMORIM - Pais separados.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Sim.

O SR. WILLIAM DE OLIVEIRA - A gente (falas paralelas) com o pai.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - O senhor pode dizer quais são essas famílias?

O SR. WILLIAM DE OLIVEIRA - Podemos, sim. Família do Gedson, do Rykelmon, Átila e Vítor. Sendo que a do Rykelmon foi acordado...

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Gedson Santos, Rikelmon de Sousa, Átila...

O SR. WILLIAM DE OLIVEIRA - ... de Sousa e Vítor Isaías. Sendo que o Rikelmon só o pai.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Entendi.

O SR. RODRIGO AMORIM - Existe uma portaria do Corpo de Bombeiros autorizando a realização de TAC. E aí só para ficar claro que imagino - não ficou claro -, mas que são dois TACs, então, diferentes?

O SR. ANTONIO CESAR DIAS PANZA - E esse TAC dos bombeiros com a palavra.

Ele tem um cronograma de atendimento. Esse cronograma estando totalmente em dia, o bombeiro... Eles estão aqui. Eles podem confirmar essa informação: ele emite um Certificado de Aprovação,

que é o CA, provisório. E esse certificado dá o direito ao Flamengo ter o OK do Corpo de Bombeiros com relação às questões envolvendo a segurança contra incêndio.

A SRA. RENATA SOUZA - Presidente, se o senhor me permite.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não, deputada, claro.

A SRA. RENATA SOUZA - Por óbvio, observando aqui todos os detalhes que a gente tem nesse caso, a gente precisaria de uma CPI específica só para o que aconteceu no Ninho do Urubu. Uma CPI específica, porque acaba que esta não é CPI sobre os incêndios, e no final das contas acaba que quando os deputados propuseram, nós falamos que deveria ser exatamente colocada a questão que aconteceu no Ninho do Urubu. Então, só para trazer a complexidade do tema para uma CPI que trata de vários incêndios, mas que a gente não poderia - e por isso parabenizo os deputados - negligenciar o que aconteceu no Ninho do Urubu.

Partindo daí, sem dúvida alguma é importante que o Flamengo olhe e acolha essas famílias de maneira mais concreta para que as famílias possam sentir que estão sendo acolhidas. Eu não sou da CPI. Eu sou presidente da comissão, por isso não voto em cada um dos pedidos feitos pelos deputados, mas fiz questão de estar aqui, porque também precisamos saber o que o Flamengo aprendeu com essa tragédia, quais são os caminhos para além do TAC. É importante os TACs celebrados, mas quais são os caminhos, hoje, que o Flamengo tem para evitar que uma nova tragédia dessa ocorra? Porque, afinal de contas, a gente sabe que há vários elementos evitáveis. Então, eu gostaria também de ouvir de vocês quais são os mecanismos, ações concretas que o Flamengo tomou para que a gente não incorra e tenham aí mais outras dez famílias sofrendo uma dor que é irreparável. Não existe dinheiro no mundo que repare a dor que essas famílias estão sentindo.

O SR. ANTONIO CESAR DIAS PANZA - Só um adendo anterior para a gente separar os assuntos.

Ainda com relação aos acordos, só para justificar o ânimo do Flamengo em celebração de todo... Tentar finalizar a celebração de todos esses acordos, a gente, hoje, celebrou dos dez falecidos, os três e meio. De todos os sobreviventes, a gente celebrou acordo com todos os sobreviventes. Totalizam dezesseis pessoas, inclusive os três feridos. Com relação à pergunta da deputada Renata, desde o momento em que houve o incêndio, o Flamengo começou a rastrear - foi a nova gestão - tudo o que precisava ser feito para liberar o CT, ou seja, para tornar o CT um ambiente propício para receber menores. Com relação a isso, a gente buscou o TAC junto ao Corpo de Bombeiros. A gente conseguiu o certificado de aprovação provisório. A gente conseguiu também junto à prefeitura o habite-se parcial.

Também com relação à questão do TAC da infância, porque somente com o OK do Juízo da infância é que a gente conseguia voltar a receber os menores. Enquanto isso esses menores não podiam mais frequentar o CT. Isso demorou um tempo para a gente conseguir. E aí depois que tudo isso foi mapeado o que a gestão nova fez? A gente constituiu uma prefeitura lá dentro, um prefeito, um diretor. Esse diretor foi um diretor do CT. Esse diretor começou a criar planos de ação e de melhorias do CT. Quer dizer, o CT iniciou na gestão anterior e ele vem em constante processo de evolução. Isso o TAC normalmente foi, lógico, um norteador primordial por conta da expertise do Juízo da Infância e Juventude com relação aos menores. E aí a gente veio ampliando isso tanto para a questão envolvendo menores, quanto para a questão envolvendo os funcionários, com os atletas profissionais e todo mundo. O CT como eu falei ele é um ambiente que está em constante evolução.

Então, a gente fez diversas obras. A gente recentemente conseguiu, agora, um OK da Vigilância Sanitária. A Vigilância Sanitária aprovou com louvor todas as questões do CT, cozinha... Contratamos empresas responsáveis por dar hotelaria, com relação à limpeza, com relação a transporte, colégio para os menores, parceria com hospitais, enfim... É o que eu falei: é uma prefeitura. Então, a gente cria ali um ambiente em que tudo que é necessário para o dia a dia tem que estar em perfeito funcionamento.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - O senhor falou das vítimas que não foram fatais. O dr. Carlos Alberto de Sousa Torres está presente ele representa a família do Nigel(?), Caleb, até da sobrevivente. Gostaria que o senhor falasse como é que estão, pelo menos com o seu jovem, essas tratativas junto ao Flamengo.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. presidente, depois tenho alguns questionamentos ao Flamengo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Pois não.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA TORRES - Boa-tarde a todos! Em primeiro lugar, quero me solidarizar com o sr. Wedson, a dra. Mariju, a dra. Paula. Depois das palavras da dra. Mariju, acho que todos, senão a maioria, fomos tomados por grande emoção.

Eu pediria uma licença para fazer um comentário anterior, motivado por tudo que ouvimos aqui. Tenho dois filhos adultos e ambos tiveram um sonho na vida, o de serem jogadores de futebol. Durante a infância e a adolescência deles, eu e minha mulher percorremos alguns clubes de futebol, inclusive o Flamengo - um deles é apaixonado pelo Flamengo - e um belo dia, em um dos treinos, fui procurado por um dos coordenadores, que me disse: 'Olha, esse ambiente aqui não é para seu filho. Veja a situação: vários garotos que moram aqui e, quando você vai embora levando seu filho, gera muita tristeza neles porque eles estão aqui totalmente desassistidos, sem suas famílias, seus pais moram distante. Quando você sai daqui vai de braços dados com seus filhos, uma troca de carinho, e isso não é bom, primeiro, porque não é ambiente para ele, e, segundo, porque não traz motivação para nossos garotos.' Saímos dali, o tempo passou, e hoje um dos meus filhos é delegado da Polícia Federal e membro do Ministério Público, pessoa muito respeitada, reconhecido internacionalmente, de um valor imenso, especialista em crimes financeiros; o segundo é procurador da fazenda, muito reconhecido, pessoa importante. E diante desse quadro, a partir de 8 de fevereiro de 2018(?), eles chegaram para mim e falaram: 'Puxa vida, que decisão importante tomamos'.

Aqui, vendo a família do Nigel(?), que aqui representamos, me surgiu a figura do morto-vivo. Nigel(?) completou 15 anos de idade no dia 08 de janeiro passado. Eu não sei como esse jovem vai superar esse trauma, não sei quanto tempo será necessário para ele, como os outros que todos sabemos, superar esse dia. Nigel foi um dos últimos meninos a sair do alojamento; ele tentou, com todas as suas forças, retirar seus colegas. A situação era totalmente adversa, mas aquele menino solidário aos outros colegas, por conta de todo aquele tempo de convívio distante de suas famílias, eles só tinham eles entre eles como irmãos; pais, mães. Eventualmente, um telefonema das famílias por conta da distância, e a dificuldade financeira de se deslocarem até o local. Esses meninos eram, de fato, irmãos.

Para as famílias - e eu, como pai, fico me perguntando - será que esses meninos também já não estão mortos? Não sei, sinceramente, o futuro que reserva a essas crianças, a esses jovens. Essa lembrança vai ficar marcada para o resto de suas vidas. A Dona Carla, mãe do Nigel(?), em um desses acordos citados há pouco como realizados, recebeu 20mil reais.

O SR. RODRIGO AMORIM - Doutor, vou pedir que o senhor restrinja ao falar dos valores, porque há, inclusive, uma cláusula... A comissão terá acesso, mas que o senhor não mencione valores.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA TORRES - Desculpe. E agradeço a intervenção.

O que ocorre? Ela recebeu um documento e fez algumas ressalvas, uma delas orientada pelo médico do Nigel(?), que era a seguinte: esse menino inalou muita fumaça. O quadro clínico dele, a princípio, não o impede de outras atividades; mas ao futuro - e esse futuro é incerto. Ela, então, pediu que fosse feita essa ressalva nesse documento, e até hoje ela não recebeu esse documento com essa ressalva do que o futuro poderia determinar - uma doença eventual consequente dessa inalação da fumaça, uma consequência psicológica de toda a ação que motivou essa rapaz jovem a tentar salvar desesperadamente a vida dos seus irmãos. Ela não tem essa resposta. Até hoje - passem os senhores - nem a condição de estudar a esse jovem está sendo dada, porque o Flamengo até hoje não entregou o histórico escolar, condição para esse menino se matricular em uma

escola em Marechal Cândido Rondon, interior do Paraná. Esse menino está desesperançoso, ele não sabe quem ele é efetivamente, porque a escola - uma das escolas que o acolheram por conta da repercussão do caso - disse: 'A gente entende que ele precisa estudar, mas não sabemos em que série vamos aloca-lo.' Esse menino está sendo vítima, inclusive, dos colegas da cidade, que são todos adolescentes de uns 15 anos: 'Caramba, qual é a série do Nigel(?), afinal?' Enfim, o Flamengo não se prestou sequer a enviar o histórico escolar. e, como narrado aqui pelo sr. Wedson, a mãe e o pai, dona Carla e sr. Nilson, não têm uma resposta, um contato sequer do Flamengo orientando essa família. A pergunta é: esse jovem efetivamente está vivo? Não sei. Eu, como pai, avô, fico me perguntando.

Sou aqui do Rio de Janeiro e esta é a Casa do Povo do Rio de Janeiro. Eu disse diretamente, pessoalmente à Dona Carla, ao sr. Nilson e ao Nigel(?): 'Me desculpem. Sou um cidadão do Estado do Rio de Janeiro, mas envergonhado porque não é digna uma atitude, como todos nós aqui temos os relatos, sendo orientada por uma agremiação, uma nação que representa todo o nosso estado'. E não é isso que nós somos. Somos pessoas, somos cidadãos, somos trabalhadores, somos honestos, corretos, e essas atitudes nós correspondem àquilo que o cidadão nascido e vivido nesta cidade representa. O Flamengo não nos representa. Peço desculpas ao sr. Wedson e me solidarizo com essa dor.

Dra. Mariju, com seu relato, agradeço, porque, sobretudo, mostrou que somos vítimas, todos, de uma atitude inconsequente, porque curiosamente ainda estamos discutindo se essa agremiação adotou, de fato, todas as providências que deveriam ser tomadas. E mais, estamos falando de vidas ceifadas; ainda aquelas como o sr. Wedson recebeu em cinzas, temos aqueles vivos sem condições sequer de poder se matricular em uma escola. Essa carreira de futebol não sei se ainda poderá persistir.

Muito obrigado.

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. presidente, uma pergunta para o dr. Carlos. O rapaz que o senhor representa, depois do incidente ele voltou as relações com o Flamengo ou ele, depois de recuperado, voltou em algum momento ao clube?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA TORRES - Curiosamente, acho que a imprensa e todos nós sabemos, eles ficaram ainda no Flamengo, com vínculo com o Flamengo, e depois desses acordos assinados, o clube os dispensou - e os dispensou imotivadamente. Sabemos do direito potestativo do empregador de dispensar seus contratados, mas há muita coincidência: esperaram uma situação para negociação e, quando isso ocorreu, deixaram simplesmente a família sem uma explicação de qual o motivador, porque eles esperavam pelo menos o acolhimento, o afeto, o carinho substitutivo dessas famílias que esse clube teria em relação a eles.

O SR. RODRIGO AMORIM - Tenho mais uma pergunta, sr. presidente. O rapaz - o senhor disse que ele atuou na tentativa de salvar alguns dos companheiros que ali estavam.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA TORRES - Ele foi o penúltimo a sair e tentou...

O SR. RODRIGO AMORIM - Há relato dele no sentido de a porta estar trancada ou coisa do gênero?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA TORRES - Olha, eu acho que aí tem que ver o inquérito. Porque, na verdade, ele saiu, ele viu o incêndio acontecendo...

O SR. RODRIGO AMORIM - Porque, sr. presidente, deputada Renata, esse contêiner onde o Flamengo acomodou as crianças era uma jaula, era todo cercado.

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA TORRES - Definitivamente uma jaula.

O SR. RODRIGO AMORIM - Grade para todo lado. O que eu vi da planta desse contêiner, material inflamável, ele era dividido em alguns quartos, digamos assim, umas baias onde ficavam as camas, os beliches. Aí, ele atuou efetivamente...

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA TORRES - Atuou tentando salvar, porque quando...

O SR. RODRIGO AMORIM - Mas o senhor tem informação desse relato, se estava trancado, se não estava; se tiveram que arrombar ou coisa do tipo?

O SR. CARLOS ALBERTO DE SOUZA TORRES - Não tenho. O que aconteceu foi um desespero dele. Inclusive, as imagens à época demonstram que ele foi o segundo a sair. Entrou várias vezes tentando salvar desesperadamente, gritando, batendo nos vidros, tentando quebrar, mas tudo gradeado e ele não conseguia. Ele entrou duas vezes, saiu e foi a grande preocupação depois com a quantidade de fumaça que ele inalou.

O SR. RODRIGO AMORIM - Está claro. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Mais uma vez vou inverter as falas. Temos aqui algumas autoridades do Ministério Público, do Ministério Público do Trabalho; a dra. Gabriela está aqui também para falar como o IML recebeu as vítimas; o dr. Petra, que presidiu o inquérito policial, e também o Corpo de Bombeiros, que foi o primeiro acionado. Vou ouvir a dra. Gabriela primeiro...

O SR. RODRIGO AMORIM - Sr. presidente, ainda tenho um questionamento ao advogado do Flamengo.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - O senhor faça, mas vamos tentar juntar mais adiante, porque o dr. Reinaldo Belotti está presente e poderá também auxiliar a equipe jurídica em alguma informação que eles não tenham e que caiba mais à gestão do clube.

Dra. Gabriela, por favor.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Tem algumas coisas que estávamos falando aqui e vai ser interessante ver algumas imagens.

Inicialmente, agradeço o convite, como sempre, em nome de toda a perícia técnica da Polícia Civil. Eu havia montado uma apresentação para um congresso de perícias forenses mostrando tudo o que a perícia técnica fez nesse caso. Fiz algumas adaptações porque, por ser uma questão técnica, tinha algumas imagens direcionadas para esse tipo de público, para peritos; tirei várias coisas porque não teria sentido mostrar aqui. Não tem coisas fortes, não.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Tem imagens das vítimas?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Não. Bom, tem... Talvez algumas coisas não sejam agradáveis. Não tem nada de muito ruim, mas talvez seja ruim para eles.

O SR. PRESIDENTE (Alexandre Knoploch) - Os senhores querem permanecer?

Peço à secretaria que os acomode, ou não, na sala da dra. Helen, ou na presidência, ou no meu gabinete, por favor, o que for mais confortável para eles. Muito obrigado.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Sobre o que já falamos aqui, o que aconteceu no dia 08 de fevereiro do ano passado, em torno das cinco da manhã, no alojamento conhecido como Ninho do Urubu, quando começou um incêndio onde havia um total de 26 jovens dormindo. Essa fotografia é aérea, as fotografias do local são todas cedidas pelo ICCE; os peritos criminais estão aqui e podem fazer depois considerações obviamente muito melhores que as minhas, que são apenas superficiais. Sobre os peritos do ICCE, a equipe formada por eles se dirigiu ao local...

O SR. RODRIGO AMORIM - Doutora, a senhora pode voltar à imagem anterior?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - Sim.

O SR. RODRIGO AMORIM - Ali é antes e depois? São imagens do mesmo instante?

A SRA. GABRIELA GRAÇA - São imagens já do local após o ocorrido.

O SR. RODRIGO AMORIM - Então, são três unidades...

A SRA. GABRIELA GRAÇA - É uma imagem um pouco mais abrangente e uma imagem mais direcionada, bem de cima, do local acometido. Uma imagem grande das adjacências também, a primeira; e a outra é imagem bem do local, como se fosse um zoom daquela parte dali.

O SR. RODRIGO AMORIM - Muito obrigado.

A SRA. GABRIELA GRAÇA - O conjunto de módulos formava seis quartos dispostos em paralelo e tem alguns detalhes da arquitetura do local: vestiário contendo quatro boxes, com assentos sanitários, quatro unidades de pia; quatro contavam com elementos de